

MEIO AMBIENTE

ENTREVISTA/
RICARDO MOTTA
PINTO COELHOENTREVISTA/
RICARDO MOTTA
PINTO COELHO

Especialista diz que falta política ampla

Prestes a lançar o livro Reciclagem e meio ambiente, o professor Ricardo Motta Pinto Coelho, do Departamento de Biologia Geral do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), diz que em países desenvolvidos a reciclagem de materiais é prioridade de governo. "Aqui, a agenda da reciclagem está desatualizada. As abordagens são ingênuas. Temos vários problemas devido à falta de uma política nacional de reciclagem", pontua.

Como funcionam as cadeias de reciclagem no Brasil e quais suas críticas a elas?

O alumínio tem moldes muito bons, mas o ferro e a sucata ainda usam modelos de 40 anos atrás. São processos com alto grau de informalidade, falta de profissionalismo e nenhuma política de fomento. Nos Estados Unidos e na Alemanha, os manuais dos automóveis vêm com a indicação do tempo de vida dos componentes e os códigos de reciclagem nas principais peças. O caso do mercado informal de peças usadas de carros no Brasil é de excecência. Esse material teria de ser remanufaturado, pois assim não incentivaria o roubo de carros, com ocorre hoje.

Mas o senhor concorda que apesar dos problemas, há diversos projetos de reciclagem interessantes, desenvolvidos na sociedade em centros de pesquisa?

A sociedade está motivadíssima para reciclar, para mudar de comportamento, mas a reciclagem não é feita de boa vontade da dona-de-casa. Reciclagem é atividade econômica com tecnologia e com decisão de governo, de política, de incentivo de que empresas sejam instaladas em regiões estratégicas. O Proálcool só deu certo porque houve uma decisão nacional e o envolvimento de toda uma cadeia produtiva. Há projetos muito interessantes, sim, mas falta articulação entre eles; eles não se comunicam. Não existe um plano que integre tudo isso.

Há linhas de crédito e incentivos para a indústria da reciclagem?

Pouca coisa ainda. O BNDES vai lançar uma linha para reciclagem, mas o setor não está capitalizado, muitos trabalham na informalidade, dão um duro danado, não têm licença ambiental. Então, vai ser difícil conseguirem. O Banco do Brasil ajuda demais e leva em conta a realidade de cada região onde estão inseridas as pequenas empresas. Veja a questão da água, há poucos projetos de seu reaproveitamento; em Minas, há a lei dos medidores individuais de água, mas o equipamento não está disponível. A reciclagem tem de ter esse enfoque regionalizado, levando em consideração os hábitos de consumo, culturais e alimentares da população.